

Enfeitiçar a memória: ensaios sobre a noção de des_arquivo na pesquisa em educação

ARTIGO

Thomas Cardoso Bastos Santos¹ 

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil

1

Resumo

O presente texto, parte da pesquisa de doutorado em andamento, é um ensaio sobre as noções de des_arquivos que estão sendo desenvolvidas nessa investigação em andamento. Esta composição é inspirada pelos feitiços de Conceição Evaristo e pelas fugas de Saidiya Hartman (2020) às noções tradicionais daquilo que é compreendido, organizado e validado como memória/arquivo. O objetivo deste trabalho é propor uma breve noção de des_arquivo, ainda em construção, numa tentativa de emaranhamento em meio às im-possibilidades de enunciados arquivísticos sobre dissidências de gênero e sexualidade, suscitando provocações de como alguns arquivos podem atravessar os sentidos/experiências trans.

Palavras-chave: Arquivo. Des_arquivo. Memória. Trans.

Bewitching memory: essays on the notion of dis_archive in education research

Abstract

This text is part of ongoing doctoral research. It is, therefore, an essay on the notions of dis_archives presented in the research. This composition is inspired by Conceição Evaristo's spells and Saidiya Hartman's escapes from traditional notions of what is understood, organized and valid as a memory/archive. This is an attempt at entanglement amidst the imp-possibilities of archival statements about gender and sexuality dissent, therefore the object of this work is to propose a brief notion of dis_archive, which is in development, and spread some provocations of how some archives can cross the trans senses/experiences.

Keywords: Archive. Dis_archive. Memory. Trans.

1 Introdução

Em agosto de 2024, participei de uma aula da professora abigail Campos Leal, doutora em Filosofia, em um curso oferecido sobre aprender a escutar (com) Conceição Evaristo. Na ocasião, abigail fez um passeio sobre as possibilidades de escutas (leituras) de Conceição Evaristo. Uma dessas escutas abordou como a escrita de Conceição vive e

constrói possibilidades outras de mundo, resistindo às lógicas coloniais através de uma espécie de feitiço contra as marcas do esquecimento produzidas pela colonização. Se a colonização é uma máquina de fazer esquecer, segundo abigail, Conceição conjura um encanto capaz de fazer a memória existir. Com seus escritos, que se tornam verdadeiros feitiços literários, Conceição Evaristo nos ensina como uma memória saqueada se transforma em uma escritura viva, pondo em jogo a própria noção de memória.

Nos caminhos percorridos até agora na construção de minha tese, tenho me deparado com algumas questões sobre memória, a saber: como re_pensar os sentidos e as composições sobre memórias? Como re_pensar os itinerários de memórias dissidentes?

Se Conceição Evaristo, com seus feitiços literários, apresenta rotas de escrevivências, Saidiya Hartman, por sua vez, desloca noções descritivas e analíticas sobre arquivos para contar e representar, através de contra-histórias do presente, as vidas dos sem nomes e dos esquecidos. Nesse processo de desfeitura das maquinarias coloniais que produzem esquecimento, a autora considera a perda e respeita os limites do que não pode ser conhecido (Hartman, 2020).

São duas mulheres negras que sentiram/sentem marcas e dores de um processo de escravidão que não acabou. Elas não apenas rompem com as lógicas hegemônicas de manutenção de memórias, mas também produzem, fora da lógica do esquecimento colonial, outras maneiras de inscrição de si nesse mundo, inscrevendo suas ancestralidades e demais pessoas que nunca poderiam falar por si. Essas duas mulheres narram histórias im_possíveis, que re-montam à escravidão e às feridas abertas deixadas pela colonização – traumas que ainda ardem.

Sentindo os efeitos desse feitiço conjurado por Evaristo, que parece ressoar para nos fazer refletir sobre a própria ideia de memória que nos interpela, é possível pensar em uma espécie de reelaboração do passado a partir do que é vivido no presente e como esses movimentos podem influenciar o futuro. Ao mesmo tempo, pouco nos lembramos sobre o esquecimento – de momentos esquecidos, pessoas, objetos, lugares. A máquina

colonizadora de fazer esquecer foi, e ainda é, bem-sucedida em nos tirar o direito à memória.

No texto *Vênus em dois atos*, a professora e escritora norte-americana Saidiya Hartman insta-nos a pensar sobre histórias im_possíveis, registradas em arquivos do período de escravidão. Esses arquivos, marcados por uma violência extrema, documentam pessoas que tiveram suas vidas tratadas como mercadorias, identificadas a partir de insultos e piadas grosseiras. Dessa forma, Hartman (2020, p.15) considera que “o arquivo, nesse caso, é uma sentença de morte, um túmulo, uma exibição do corpo violado, um inventário de propriedade [...]”.

Depois das inquietações provocadas pelas leituras de Hartman (2020), sinto-me atravessado ao refletir sobre as dissidências nos arquivos que tenho acessado – jornais, recortes de mídias digitais, etc. – apresentados a vocês na **foto_des_arquivo 1**, que trata de pessoas dissidentes de gênero e sexualidade. A violência arquivística parece operar de maneira muito parecida com aquela descrita por Hartman (2020) em seu texto. Embora se trate de situações e tempos diferentes, a manutenção e a operação da máquina arquivística atuam nos mesmos sentidos, pois as violências, piadas e estranhamentos, além de operacionalizarem a máquina de fazer esquecer, alocam as dissidências sexo-genéricas em posições de não existência.

Inspirado pelos feitiços de Conceição Evaristo e pelas contra-histórias do presente de Saidiya Hartman (2020), tenho re_pensado as noções tradicionais daquilo que é compreendido, organizado e validado como memória/arquivo. Gostaria de me emaranhar nas im_possibilidades de enunciados arquivísticos sobre dissidências de gênero e sexualidade. Desse modo, o objetivo aqui pretendido é esboçar um ensaio sobre as noções de des_arquivo, proposição em desenvolvimento na tese, articulando essa noção com outras maneiras de compor os conceitos de memória e arquivo. Para tanto, confabularemos com as perspectivas teóricas de Sam Bourcier (2005), Saidiya Hartman (2020), abigail Campos Leal (2021), entre outros.

Para viabilizar os percursos desta rota des_arquivística, abriremos os caminhos esboçando as noções de des_arquivo e quais sentidos demarcam em suas composições.

4

[illegible]

Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Uma delas foi o **Arquivo das Transmasculinidades Negras** (@transencruzilhadas¹), no qual o idealizador, Bruno Santana, constrói um arquivo digital no Instagram de homens trans negros vivos, operando, assim, de maneira dissidente em relação à lógica tradicional do pensar arquivístico.

Meu interesse por esse tema aumentou ainda mais quando tive acesso às histórias que compuseram a foto_des_arquivo 1. Em ambientes de pesquisa e nas mídias sociais, deparei-me com recortes de jornais que tratavam das “estranhezas” e “anormalidades” de “mulheres” que gostariam de se “tornar homem” ou “mulheres” que viviam como “homens”.

Na tentativa de entender os novos rumos que gostaria de dar à minha pesquisa, especialmente após as leituras de Sam Bourcier, Saidiya Hartman, abigail Campos Leal, entre outros autores, fui compreendendo algumas dimensões de como os arquivos podem funcionar. Percebi que todas as coisas, de alguma maneira, acabam se tornando arquivos. Eles não estão apenas nos acervos ou centros de memórias, os arquivos também estão nas nossas mesas, nas nossas gavetas. Desde que chegamos a este mundo, somos registrados em arquivos.

Certamente, notei que as noções tradicionais de arquivo não caberiam na proposta de pesquisa que tenho desenvolvido. Assim sendo, distancio-me da ideia de arquivo como algo cuja função é apenas catalogar o que aconteceu, preservando, guardando e/ou privilegiando documentos (Derrida, 2001).

Para Aquino e Do Val (2018, p. 45-46), os arquivos sempre estão conectados

à noção de patrimônio, de construção de identidades sociais e de fortalecimento dos mecanismos de memória, pode ser considerado tanto a instituição de guarda dos documentos quanto o conjunto de textos selecionados, organizados e preservados segundo determinada lógica verídica (Aquino; Do Val, 2018, p. 45-46).

Por conseguinte, Sam Bourcier (2005), ativista, sociólogo francês e teórico *queer*, na obra *Sexpolitiques – Queer Zones 2*, argumenta que o arquivo representa o acesso ao passado e está associado à exigência da verdade, com a identificação de atos e fatos.

¹ Link de acesso: <https://www.instagram.com/transencruzilhadas?igsh=YTdjdTf3ZDh2eHhz>

Muitas vezes, estrutura de forma temporal a existência (vida/morte), o que pode tornar o arquivo genuinamente um arquivo. Ainda segundo Bourcier (2005), essas concepções de arquivos ligados à morte são formas de legitimação e valorização do passado.

Compreender o arquivo enquanto uma tecnologia histórico-social implica reconhecer seu papel na construção e manutenção do poder sobre aquilo que será ou não conhecido sobre o passado. Trata-se, também, do poder de determinar o que ficará excluído das lembranças (Schwartz; Cook, 2004, p. 16). Ou seja, estamos falando de uma máquina de fazer esquecer. De acordo com Leal (2021, p. 156), é fundamental problematizar a constituição de nossos arquivos, pois “eles vêm sendo colonizados por uma demanda eurocêntrica, que ao fim, oblitera nossa geo-história e abala nossa resistência”.

Essa dimensão do esquecimento vai ser discutida pela professora abigail Leal como parte da herança deixada pelo sistema de racialização colonial, que opera com a estratégia de deletar memórias e poupar os brancos de qualquer reparação frente aos horrores promovidos pelo colonialismo e pelo racismo (Leal, 2021). Desse modo, essa forma de operar por meio dos esquecimentos e apagamentos dos arquivos também é fruto desse sistema colonial e racista, que manobra suas engrenagens para obliterar as lembranças e memórias das dissidências sexuais e de gênero.

Na tentativa de escavar memórias, re-localizar histórias e re-memorar momentos que, de alguma maneira, foram violentados pelo silêncio ou pela máquina de fazer esquecer, gostaria de propor a ideia de um **des_arquivo**.

Inspirado na postura indisciplinada exortada por Jota Mombaça (2016) em *Rastros de uma submetodologia indisciplinada*, a pensadora anuncia um princípio indisciplinar, a deslealdade à norma, gostaria de propor um contrabando teórico-metodológico em diálogo com Mombaça (2016) para pensar uma pesquisa des_arquivo, seremos desleais aos modos tradicionais, conservadores de construção e produção de arquivos.

A pesquisa des_arquivo pactua com as insubmissões propostas por Mombaça (2016), pois pretende-se que escave/bagunce indisciplinarmente os arquivos da produção teórica, as memórias apagadas/silenciadas das páginas da história, “hackeando os

tímpanos da escuta científica para fazer passar, por eles, ruídos até então ignorados; e privilegie autorias não-autorizadas, visibilizando contextos de disputas em torno das questões sobre quem e como falar” (Mombaça, p.345, 2016)

Na trilha de contrabandeio teórico proposto por Mombaça (2016), compreendido pela autora como uma fragmentação radical dos circuitos teóricos, ao passo que também se conectam ao mundo pela *web* e reduzidos a eixos de produção específicos. Na pesquisa desenvolvida pela autora, os circuitos de compartilhamento foram os *blogs*, arquivos abertos por pessoas de vários lugares no mundo, veiculados pela internet. Inspirado no contrabandeio teórico, roubarei a ideia de arquivo para (re)pensar estratégias teóricas e procedimentos metodológicos de um *des_arquivo*.

A seguir, apresentaremos de forma breve parte dos *des-caminhos* metodológicos de uma pesquisa *des_arquivo*, é importante colorir que não há uma maneira fixa, fechada para pensar *des_arquivo*, não há limitações, pontos-finais, começo, meio e fim, os *des_arquivos* são pensados de forma circular, e importa salientar isso, pois não há etapas metodológicas lineares, o começo de uma etapa não significa o fim de outra.

2.1 DES_ARQUIVO: outras maneiras de construir memória.

A ideia de um *des_arquivo* surge, inicialmente, como essa maneira de desviar, de escape, das possibilidades de fazer itinerários diferentes para compor arquivos. Se tudo ao meu redor pode ser um arquivo, — inclusive eu, meu corpo, minha memória, as notícias no *sites*, *blogs*, as fotos divulgadas nas redes sociais, os lambes nas paredes da universidade, esse aglomerado de coisas que circulam cotidianamente as nossas vidas — então fui juntando todas essas coisas na memória RAM² do meu computador, especificamente numa pasta chamada ORLANDO, com *prints*, fotos e referências de notícias a que tive acesso enquanto navegava nesse grande acervo arquivístico que é a internet, e coisas que foram chegando até mim também.

² RAM é a memória do computador que armazena temporariamente os arquivos com os quais você está trabalhando.

Fui amadurecendo e ainda me encontro nesses processos de estudos para a pesquisa do doutorado. Neste ensaio, exploramos as noções arquivo através dos mapas das brechas, em diálogo com o pensamento desenvolvido por Sam Bourcier (2023) em *As políticas de Arquivo*. Neste texto, o autor desenvolve algumas ideias sobre arquivo, a primeira delas é a seguinte:

A primeira coisa a fazer talvez para mudar nossa visão sobre o arquivo é perceber sua dimensão biopolítica e vê-la como um continuum. Se não partimos da onipresença do arquivo em nossas vidas, não entendemos seu alcance, a divisão de seu fluxo, a vontade de controle que ele alimenta e sua fibra biopolítica (Bourcier, 2023, p. 25).

Segundo Bourcier (2005), criar um arquivo vivo e produtivo, contraditoriamente, enfraqueceria nossa resistência ao arquivo virtual e à necessidade de construir novos arquivos. Seria importante investirmos na própria incompletude do arquivo. Bourcier (2005) propõe uma aproximação com os organismos vivos e falantes, não como objetivo de fazê-los assinar autorizações de depósitos, mas de envolver os arquivos escritos, visuais e sonoros como uma fuga das previsíveis zonas de silenciamento.

Diante dessa provocação de Bourcier (2005), fui pensando em como eu poderia des_organizar os arquivos estavam amontoados em ORLANDO, de uma maneira que eu não reproduzisse a mesma lógica a que se propõe os arquivos tradicionais, guardando, amontoando em lugares inacessíveis?

No **primeiro ciclo do des_arquivo**, fui até ORLANDO e selecionei os arquivos com reportagens que tratavam sobre a Carteira de Identidade Nacional, naquele momento estávamos efervescidos pelas discussões sobre o assunto, e junto às discussões de Philippe Artières (1998), em *Arquivar a própria vida*, fui re-elaborando as noções de auto_des_arquivo enquanto também re-descobria meus arquivos domésticos.

Sendo assim, o processo de de-composição de des_arquivo pode partir também de uma experimentação das fontes que você tem ou não acesso. A composição de um des_arquivo não é fechada/fixa nem pretende ser, ela é criativa. A composição de um des_arquivo não está somente na produção de imagens originadas de fontes, mas nos

sons que essas imagens podem produzir. Está nos sentidos, na produção escrita e linguística, nas em/cruz/ilhadas que promovem o encontro de muitos lugares: trilhas de criatividade, percursos arruinados pela máquina de fazer esquecer, estradas das artes – incluindo transartes e transpoesias (Santos, 2022) – e diversos caminhos de impossibilidades. É preciso dizer que des_arquivo não é antônimo de arquivo, ele é dissidente. Des_arquivo é movimento circular no tempo e no espaço, não está preso ao passado e pode recorrer ao presente e ao futuro para memorar.

2.2 Espalhamento de memórias

Uma análise que demarca o envolvimento do pesquisador com “objeto de estudo”, contrariando a pretensa neutralidade do conhecimento científico que parece não falar de sujeitos, mas de objetos, imagens e narrativas dominantes produzidas desde um ponto-de-vista colonial (Mombaça, 2015).

Na tentativa de escapar, das maneiras tradicionais de socialização de nossas pesquisas e arquivos, como poderíamos pensar em pesquisas e em arquivos que não fiquem guardados, cheios de poeira ou restrito ao privilégio de acesso de determinados grupos? Quais as estratégias de socialização de nossas pesquisas para além dos arquivos acadêmicos?

Tenho experimentado, ainda de forma tímida, estratégias outras de socialização da pesquisa, primeiro através de perfil criado no Instagram com @des_arquivomemorias e transformando as fotos_des_arquivo em lambes e colando-os em espaços públicos. A foto_des_arquivo 1 deste texto já circula nas redes em @des_arquivomemorias em breve estará em outros espaços.

3 (Re)montar a si mesmo: compondo auto_des_arquivos

Nesses encontros com os arquivos, fui observando e percebendo aqueles que compõem a minha vida, meu dia a dia: os arquivos que produzo sobre mim e sobre minhas

trajetórias. Pensando neles e em como poderia organizá-los de forma a comporem o fazer da pesquisa, passei a denominar esse movimento de **auto_des_arquivo**. Essas composições estão dentro da ideia maior de des_arquivo; assim, um auto_des_arquivo é um des_arquivo atravessado por subjetividades, maneiras de experimentar/viver o mundo.

A partir das reflexões de Philippe Artières, historiador francês que se dedicou à pesquisa daquilo que ele chamou de “arquivos menores” – referindo-se a arquivos ordinários como autobiografias, grafites, relatórios médicos, etc. –, fui amadurecendo as ideias sobre os autos_des_arquivos.

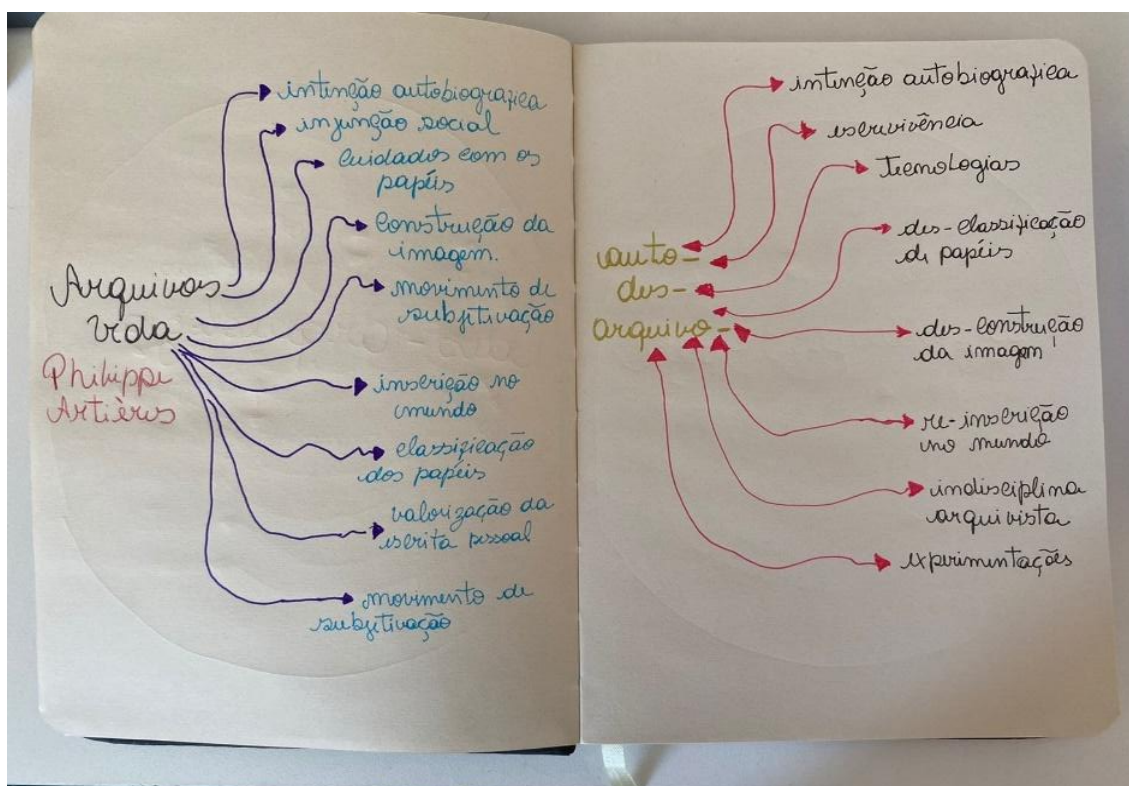
Artières (1998, p.11) nos apresenta a noção de “Arquivar a própria vida” e defende: “arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor a imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”. Nas práticas de arquivamento do eu propostas por Artières, o primeiro mandamento é: “arquivarás tua vida”, através de inúmeras práticas, como escrever diários, conservar papéis numa pasta, gaveta ou cofre. Nesse movimento de arquivamento de nossas vidas, Artières (1998, p. 11) evidencia que não há um processo de arquivamento aleatório: “fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscando, sublinhamos, damos destaques a certas passagens”.

Parece que o historiador francês nos indica que a prática de arquivar a si mesmo passa por um processo de composição influenciado pelo tempo e espaço. Com o passar do tempo, algumas coisas deixam de ser relevantes para serem guardadas, enquanto outras adquirem valor e se tornam pequenos tesouros. É fato que já se passaram 27 anos desde que Artières (1998) escreveu sobre arquivar a própria vida. As cartas não estão mais na moda, as correspondências de papel vêm perdendo espaço para as eletrônicas, e os álbuns fotográficos agora estão nas nuvens. Entretanto, ainda me parece interessante contrabandear as discussões de Artières para pensar em auto_des_arquivos.

Nas práticas de arquivamento do eu, surge o que o autor define como “intenção autobiográfica”, em que o caráter normativo e processual dá lugar a um movimento de subjetivação. Desde o século dezoito, segundo Artière (1998, p. 13), o poder da escrita foi

ganhando nosso cotidiano, para estar em toda a parte: “para existir, é preciso inscrever-se: inscrever-se nos registros civis, nas fichas médicas, escolares, bancárias”.

Figura 2 — Imagem des_arquivo 2.



Fonte: Composição do autor (2024).

É interessante pensar sobre isso no momento em que vivemos, especialmente ao considerar a realidade de pessoas trans e o enfrentamento aos sistemas de inscrição e operação no mundo. Somos inscritos nesse mundo conforme nossos genitais, documentos, registros médicos, registros escolares, entre outros. Mas o que acontece quando você não se reconhece nesse conjunto de inscrições que foram estabelecidas para você? O arquivo inscrito não é apenas um registro, é a legitimação do sistema para nossas existências.

Um exemplo recente foi a discussão sobre o novo documento de identificação dos brasileiros, a Carteira de Identidade Nacional (CIN), que substituirá a carteira de Registro Geral (RG). Essa decisão foi tomada em fevereiro de 2022, ainda durante o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro. Entre as mudanças previstas, estariam a inclusão do campo “sexo” e do “nome social” precedido pelo nome de registro. Em outubro de 2022, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) e a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT) protocolaram uma ação civil pública contra a CIN.

Em maio de 2023, já sob a gestão do atual presidente Lula, o Ministério de Gestão e Inovação de Serviços Públicos (MGI) comunicou que os campos seriam retirados da CIN, conforme o pedido do Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania (MDH). Contudo, em dezembro de 2023, o governo recuou na decisão e decidiu manter os campos “nome social” e “sexo” (Agência Mural, 2023). Uma liminar concedida pela Justiça Federal, em maio de 2024, através do juiz Mateus Pontalti, da 13ª Vara Cível de Brasília/DF, determinou mudanças no *layout* da CIN. Ou seja, na apresentação dos dados pessoais, o campo “sexo” seria retirado, mantendo apenas o campo nome (Bomfim, 2024).

Toda a disputa em torno da distinção entre nome social e nome civil e da exposição do campo sexo só reforça como os sistemas de documentação e registros não atendem às especificidades da população trans no Brasil. O nome de registro, que seria exposto na CIN, representa uma completa falta de respeito ao direito ao nome, sendo, assim, uma medida transfóbica. Essa discussão põe em jogo camadas e camadas de acesso de pessoas trans em diversos setores da sociedade. Sem mencionar o quão problemático é a exposição da categoria “sexo”. Aqui, há margem para várias discussões, mas vamos à mais básica: se pensarmos que essa categoria corresponde ao genital, o que essa informação acrescenta? O que consigo enxergar até o momento é a categorização das pessoas a partir do genital.

Figura 3 — Imagem des_arquivo 3.



Fonte: Composição do autor (2024).

Para Artières (1998, p. 13), não há escapatória: o indivíduo bem ajustado deve classificar seus papéis, passaporte, comprovante de residência, telefone, registro civil, diploma. “Devemos, portanto, manter nossos arquivos com cuidado; não apenas não perder nossos papéis, mas também provar que eles estão bem classificados. Eles devem revelar uma coerência com a norma”.

Por conseguinte, é possível notar as relações que Artières estabelece com os arquivos domésticos, os quais, para ele, constituem parte dos arquivos de si, destacando a importância, o cuidado e a gestão desses documentos. Nesse sentido, chama minha

atenção o apontamento do historiador francês sobre como os arquivos influenciam os processos de integração e exclusão social, a exemplo dos documentos médicos e domésticos, que podem impedir que uma pessoa tenha o devido tratamento de saúde. “Para ser bem inserido socialmente, para continuar a existir, é preciso estar sempre apresentando papéis, e toda infração a essa regra é punida” (Artières, 1998, p.13).

Enquanto lia Artières (1998), resolvi dar uma olhada em meus arquivos domésticos e encontrei quase uma montanha de papéis do processo de solicitação para retificação de nome e gênero nos meus documentos “oficiais”. Fiquei pensando: qual é o peso que esses documentos ainda têm na minha vida? Guardo tudo em uma caixa, dentro de uma pasta, que fica debaixo de outras pastas, escondida de todos; não como um tesouro, mas como um arquivo.

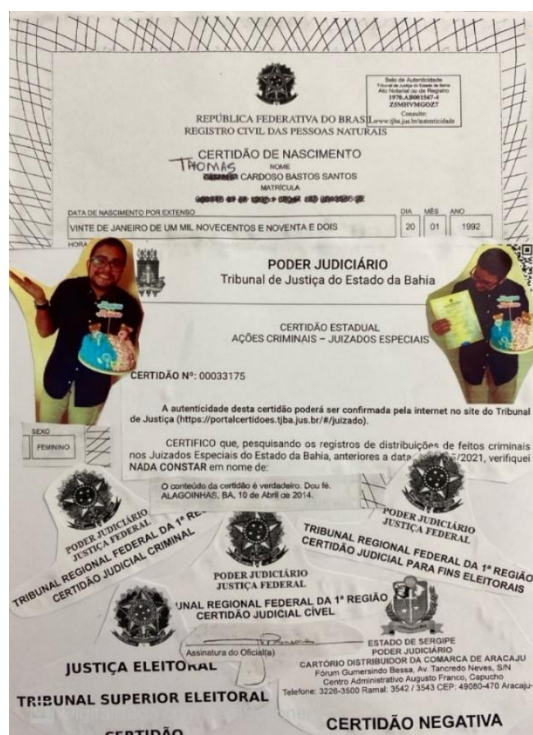
No meu caso, guardo esses documentos com medo de precisar deles em algum momento, seja para me defender ou por algum motivo que ainda desconheço. Por mais que você retifique seu nome, solicite mudanças, abra protocolos, mande e-mails ou ligue para o 0800, tem sempre alguém ou alguma instituição que insiste em trazer o nome antigo de volta. É extremamente cansativo, um gasto enorme de energia, com exposições completamente desnecessárias e constrangimentos constantes.

Segundo Artières (1998, p.21), “o indivíduo deve manter seus arquivos pessoais para ver sua identidade reconhecida. Devemos controlar nossas vidas. Nada pode ser deixado ao acaso”. Essa afirmação me provoca a pensar: quem tem, de fato, o direito ao reconhecimento de sua identidade por meio de arquivos? E quem controla os nossos arquivos pessoais?

Abro aqui uma discordância com Artières (1998), pois, para pessoas trans e travestis, não há controle pleno de nossas vidas, tampouco seguridade de nossas existências a partir das ideias “oficiais” de arquivo. Não há garantias das nossas identidades quando se trata de arquivos domésticos, administrativos ou de qualquer outra natureza. Mesmo depois do processo de retificação, os documentos não asseguram que nossas identidades serão respeitadas. Apesar de ser um direito reconhecido pelo Estado brasileiro, ele ainda não oferece garantias reais. As negociações em torno da Carteira de

Identidade Nacional exemplificam essa questão: embora o Estado reconheça o nome social, essas idas e vindas evidenciam como os controles operam para reforçar o preconceito e marginalização de nossas existências.

Figura 4 — Imagem des_arquivo 4.



Fonte: Composição do autor. 30 abr. 2024.

Desde a primeira vez que comecei a pensar sobre arquivos para pesquisa, estive preocupado em como iria des-organizar tudo: os meus autos_des_arquivos, que começam nas minhas escriturinhas, nas folhas de caderno onde vou construindo minhas ideias, minhas faltas de ideias, anotações e fotografias, além de como vou entendendo cada processo daquilo que leio e escrevo. As fotografias do caderno também compõem meu auto_des_arquivo.

Um auto_des_arquivo abre des-caminhos para outro modo de fazer pesquisa afetado pelas experimentações no/com o mundo. O que há lá fora que pode caber aqui?

O que há aqui que pode caber lá fora? O que os meus sentidos podem experimentar? Quais imagens mais me marcam? Que palavras vão me atravessar?

Tais questões (des)orientam-me no comprometimento de não seguir as normas, acionando outras formas de pensar/fazer arquivos, numa indisciplina arquivista, especialmente na composição e na organização dos arquivos. Diante disso, traficarei a noção de **intenção autobiográfica** de Artières (1998), que, para o autor, trata-se do desejo de montar uma imagem de si, por meio da disposição conferida pelos próprios documentos (Vieira, 2023).

Essa indisciplina arquivista provoca, ainda, dois outros movimentos: a **des_classificação de papéis** e a **des_construção da imagem**. Tradicionalmente, temos diversas maneiras de organizar e preservar os arquivos, por meio de técnicas e protocolos que garantem seu cuidado e manutenção. No entanto, a proposta aqui é tirar os documentos das gavetas, caixas e demais compartimentos. A des_classificação de papéis consiste em pensar, organizar e compor documentos que atravessem passado, presente e, quem sabe, futuro. Já a des_construção da imagem converge com esse movimento, permitindo-nos imaginar outros modos de compor arquivos com as imagens.

Nossos arquivos domésticos, de maneira geral, incluem álbuns de fotografias que contam um pouco sobre nossas memórias. Mas e aquelas pessoas que não possuem essas memórias? Como pensar um auto_des_arquivo que acione também um lugar que muitos/as de nós, pessoas trans e travestis, não tivemos? A partir dos des_arquivos, é possível sonhar, desenhar, montar, colar e usar das tecnologias como ferramentas para acessar um passado e um futuro – um espaço onde possamos nos re-inscrever no mundo, onde nossas histórias não fiquem nas gavetas, onde as notícias sejam de conquistas e não de violência ou morte. Ousaremos re-criar outros mundos.

Figura 5 — Imagem des_arquivo 5.



Fonte: Composição do autor (2024).

4 Considerações Finais

O des_arquivo aqui é pensado como um espaço de experimentação. À medida que exercito meus processos de escavação e descobertas dos des_arquivos, vou também me inscrevendo junto, me auto_des_arquivando. Essas experimentações têm me permitido ler de maneira diferente, escutar, olhar em volta com mais atenção e acionar com maior intensidade os meus sentidos.

Tenho sentido a importância do exercício da escuta para entender a des_organização dos de_arquivos, conforme fui instigado pela professora abigail Campos Leal no curso citado na introdução: aprender a provocar o sentido da escuta. É preciso escutar de fato – ler escutando, escrever escutando, ouvir escutando, sentir escutando, fazer ativismo escutando, fazer pesquisa escutando.

E por que isso é importante para esta pesquisa? Porque fazer des_arquivações não é meramente juntar referências, reunir fontes ou colar tudo numa folha. Trata-se também de habilitar os sentir/dos. A experiência da escuta – e aqui não me refiro apenas à audição – nos permite acessar outros mundos e, até mesmo, imaginá-los.

Se a vida pode ser entendida como uma experiência de arquivações ou, quem sabe, de des_arquivações autobiográficas – numa composição de um arquivo ou des_arquivo vivo –, nela uma confluência do “pensamento ético, político, ontográfico, epistemológico etc. pode emergir” (Leal, 2021, p.76). Se a vida é esse emaranhado de arquivações ou des_arquivações, gostaria de escutar mais uma vez a professora abigail, quando afirma: “Radicalizo aqui a necessidade do gesto! Para atravessar a metafísica ocidental e sua lógica colonial branca, é necessário colocar o corpo e a vida em jogo!” (Leal, 2021, p.76).

Nesse contexto, urge colocar o corpo e a vida em disputa para desmontar a máquina de fazer esquecer. É imperativo questionar as formas hegemônicas de construção de arquivos, que produzem verdades de maneira soberana, e buscar uma radicalidade na composição de outras memórias, produzidas a partir de nossos sentir/dos.

Por conseguinte, de acordo com abigail Campos Leal (2021, p. 76), “é necessário encarar o corpo e a vida como arquivos legítimos a partir dos quais se pode produzir, criar, fabular, especular, diagnosticar e, em última instância, pensar!”. Portanto, acredito que as produções des_arquivísticas possam colaborar para a construção de um fazer ético_teórico_epistêmico, no qual os feitiços de memórias, as contra-histórias do presente, os autos_des_arquivos e tantas outras possibilidades re_elaborem estratégias de re_invenção das formas de arquivamento e memória. Não se trata apenas de sobreviver, mas de criar condições de “fecundarmos a vida mais-do-que-vida, a vida emaranhada nas coisas” (Mombaça, 2021, p. 19).

Referências

AQUINO, Julio Groppa; VAL, Gisela Maria do. Uma ideia de arquivo: contributos para a pesquisa educacional. **Pedagogía y Saberes**, n. 49, p. 41-53, 2018. Disponível em:

<http://www.scielo.org.co/pdf/pys/n49/0121-2494-pys-49-00041.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2024.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2061>. Acesso em: 21 dez. 2024.

BOMFIM, Camila. Por direito de pessoas trans, Justiça determina emissão de novas carteiras de identidade apenas com nomes, excluindo o sexo. **G1 Política**, 29 maio 2024. Blog da Camila Bomfim. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/camila-bomfim/post/2024/05/29/por-direito-de-pessoas-trans-justica-federal-determina-emissao-de-novas-carteiras-de-identidade-apenas-com-nomes-excluindo-o-sexo.ghtml>. Acesso em: 10 jun. 2024.

BOURCIER, Sam. **Sexpolitique: Queer zones 2**. Paris: La Fabrique Editions, 2005.

DERRIDA, Jacques **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

HARTMAN, Saidiya . Vênus em dois atos. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 12–33, 2020. DOI: 10.29146/eco-pos.v23i3.27640. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640. Acesso em: 20 set. 2024

LEAL, abigail Campos. **ex/orbitâncias: os caminhos da deserção de gênero**. São Paulo: Glac Edições, 2021.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

SCHWARTZ, J.; COOK, T. Arquivos, documentos e poder: a construção da memória moderna. **Registro - Revista do Arquivo Nacional de Indaiatuba**, v. 5, n. 3, p. 15-30, 2004. Disponível em: <http://arquivistica.fci.unb.br/au/arquivos-documentos-e-poder-a-construcao-da-memoria-moderna/>. Acesso em: 21 dez. 2024.

SANTOS, Thomas Cardoso Bastos. Riscos, travessias e escrevivências: a transarte e transpoesia como possibilidades para uma outra educação. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, p.113.2023.Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/19199>Acesso em: 10 out. 2024.

TRANSFOBIA NO NOVO RG, entenda o caso. **Agência Mural**, 12 dez. 2023. Disponível em: <https://agenciamural.org.br/transforbia-no-novo-rg/> Acesso em: 10 jun. 2024.

VIEIRA, Henrique Julio. “Arquivar a própria vida”, 25 anos depois: diálogos com Philippe Artières. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 79, p. 68–91, 2023. Disponível em:

<https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/88666>. Acesso em: 21 dez. 2024.

ⁱ **Thomas Cardoso Bastos Santos**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1577-4271E>

Universidade Federal da Sergipe

Mestre em Educação. Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da. Bolsista CAPES

Contribuição de autoria: Escrita

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1571125422358215>

E-mail: thm.ceduc@gmail.com

Editora responsável: Genifer Andrade

Especialista *ad hoc*: Alfrancio Ferreira Dias e André Ricardo Lucas Vieira.

Como citar este artigo (ABNT):

SANTOS, Thomas Cardoso Bastos. Enfeitiçar a memória: ensaios sobre a noção de des_arquivo na pesquisa em educação. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 7, e14785, 2025. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/14785>

Recebido em 6 de janeiro de 2025.

Aceito em 30 de março de 2025.

Publicado em 30 de maio de 2025.